

Protagonismo juvenil e participação cidadã: um estudo sobre a Rede Desabafo Social

Franciele Viana da Cruz

Introdução

Este artigo é fruto de pesquisa realizada durante os anos de 2012 a 2018, por meio de Iniciação Científica, com financiamento do Programa de Iniciação Científica da UNEB - PICIN/UNEB (2012), e continuada com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FABESP (2013) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq (2014), com o tema: “Midiativismo e comunicação comunitária: mídia autóctone e inclusiva em periferias urbanas e [sub]urbanas,” vincula ao GUPEMA (Grupo de Pesquisa e Estudos em Mídias Alternativas e Midiativismo), do curso de Relações Públicas da Universidade do Estado da Bahia, coordenado pelo Doutor Ricardo Freitas e, atualmente, acompanhado por professores do curso de pedagogia da Universidade do Estado da Bahia.

Cabe ressaltar que a rede Desabafo Social passou por modificações nos últimos dois anos, tendo entrado novos membros e surgido novas metodologias e pro-

jetos, este artigo, no entanto, analisará as primeiras iniciativas da rede, sendo que novos resultados da pesquisa serão publicado em breve, apresentando as atuais configurações do Rede.

A pesquisa “Educomunicação e Participação Cidadã: uma análise sobre os desafios e contribuições da Rede Desabafo Social” surgiu tendo como norte identificar e analisar ações desenvolvidos pela Rede na articulação de suas ações educacionais na Bahia nos últimos anos.

O trabalho se justifica pelo destaque obtido pelo grupo ao longo dos últimos anos no cenário baiano e nacional, no que diz respeito à aplicação e elaboração de metodologias educacionais que colaboram para participação cidadã juvenil. Ao longo dos oito anos de atuação em periferias da Bahia e do Brasil, o grupo já participou de projetos como o “Mais Educomunicação”, em parceria com a Rede Nacional de Adolescentes e Jovens Comunicadores (RENAJOC), e patrocínio do Instituto C&A. Em 2017, a convite da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, integrou a programação da Jornada Pedagógica dos professores do Ensino Médio. O objetivo da participação era socializar as informações referentes ao uso da comunicação inter-relacionada com a educação. Em 2015 recebeu o Prêmio Laureate Brasil - um gesto de reconhecimento aos jovens empreendedores sociais empenhados em promover mudanças significativas nas comunidades através da educação.

Metodologia

A pesquisa adotou estratégias de investigação, como: levantamento bibliográfico, realização de entrevistas semiestruturadas, observação participante em eventos, palestras e ações online desenvolvido pelo grupo.

Foram realizadas seis entrevistas semiestruturadas com lideranças do Desabafo Social nos Estados da Bahia, São Paulo, Ceará e Maceió. As entrevistas tiveram como questões norteadoras, perguntas referentes às motivações que levaram os jovens entrarem na rede, as dinâmicas de atuação e o processo de construção da autonomia dos atores.

Uma questão importante observada nas entrevistadas foi que todos os membros passaram por organizações que estimularam a pensar suas realidades de

forma crítica. Desta forma, para melhor compreender a inserção destes jovens nos processos de formação, também me inseri neste meio, fazendo um curso de fotografia oferecido pela ONG Cipó, através do projeto Oi Kabum.

A participação em seminários e palestras ajudou a descrever como os membros dos grupos se comportam dentro de diferentes espaços, serviu ainda para perceber se os comportamentos descritos nas entrevistas condiziam com a realidade.

Por fim, foram feitas análises das produções de textos e a divulgação de imagens no *blog* e nos perfis do *facebook*, *instagram* e *twitter* da Rede. As produções foram observadas com maior frequência nos meses de setembro, outubro e novembro e foram imprescindíveis para as conclusões do trabalho.

Fundamentos teóricos

1.1 Processos educomunicativos

A Educomunicação é um neologismo que teve amplo debate na sociedade brasileira a partir de estudos realizados por meio de pesquisa do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Escola de Comunicação e Arte (ECA), da Universidade de São Paulo (USP), entre os anos de 1997 e 1998. O termo define a inter-relação entre comunicação e Educação e o uso de metodologias que permitam a participação, interação e ação dos indivíduos na formação do conhecimento.

Ismar Soares (2000) afirma que o planejamento e a implementação de “ecossistemas comunicativos abertos e criativos”, através de expressão e troca de ideias entre diferentes membros da comunidade (seja ela a escola, a família, o bairro etc.), possibilitam melhores condições para a construção de saberes:

O Campo da Educomunicação é compreendido, portanto, como um conjunto de ações que permitem que educadores e estudantes desenvolvam um novo gerenciamento, aberto e rico, dos processos comunicativos dentro do espaço educacional e de seu relacionamento com a sociedade. (...) incluiria não apenas relacionamentos de grupos (a área da comunicação interpessoal), mas também atividades ligadas ao uso de recursos de informação no ensino-aprendizagem (a área das tecnologias educacionais), bem como o contato com os meios de

comunicação de massa (área da educação para os meios de comunicação) e seu uso e manejo (área de produção comunicativa). (SOARES, 2002, p. 264).

A Educomunicação dialoga diretamente com o pensamento de Paulo Freire referente à pedagogia da autonomia, ao ponto que ambos discutem a necessidade de autonomia e ação dos indivíduos que estão em processo de aprendizagem. Em seus estudos, Freire explica que uma das principais funções da educação é a formação da consciência crítica do indivíduo, sendo assim, ensinar é criar possibilidades de construção de novos conhecimentos por parte de quem aprende Freire (2003). Para que isso aconteça é necessária uma ruptura com modelos tradicionais de ensino que consideram o indivíduo como ser passivo, o que Freire denomina de ensino “bancário”, por depositar informação, sem considerar as experiências, os saberes, e os conhecimentos adquiridos ao longo da vida do indivíduo:

A educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente. O antagonismo entre as duas concepções, uma, a “bancária” [grifos do autor], que serve à dominação; outra, a problematizadora, que serve à libertação, toma corpo exatamente aí. Enquanto a primeira, necessariamente, mantém a contradição educador-educando, a segunda realiza a superação (FREIRE, 2005, p. 78).

Conforme estabelece Freire, é preciso uma ruptura com essa ideia arcaica de ensino-aprendizagem, para o desenvolvimento de sujeitos mais críticos, que, através da relação entre educação e comunicação dialógica, sejam capazes de modificar as estruturas de poder, em um processo de participação cidadã. O que complementa Souza: “A educação caberia, não a transmissão de conhecimentos, mas a oferta de oportunidades para que o próprio indivíduo desenvolvesse “competências e aptidões” (SOUZA, 2006, p.177)”.

Ressalta-se que não se deve confundir Educomunicação com apropriação pura e simples do uso de um conjunto de dispositivos tecnológicos (tecnologias da educação) ou de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). O que as torna relevantes neste processo é o tipo de mediação que podem favorecer

para a ampliação de diálogos sociais e educativos. Trata-se da tecnologia usada para a consolidação da Educomunicação como eixo transversal ao currículo e a novos conhecimentos.

1.2 Protagonismo juvenil

Defendendo uma pedagogia que considere o jovem como fonte de liberdade, iniciativa e compromisso, Antônio Carlos Gomes Costa (2000) vem desenvolvendo o conceito de protagonismo juvenil como base de uma prática pedagógica que busca a participação autêntica e não manipulada dos jovens o que dialoga com o conceito de Educomunicação.

Costa (2000) considera o protagonismo juvenil como forma de atuação baseada na construção criativa e solidária para ações concretas desempenhadas por jovens. Neste sentido, o personagem principal de qualquer ação será o jovem, que passará a atuar no mundo como agente de transformação, solucionando problemas nos diversos ambientes no qual vive.

O autor completa o sentido do termo incorporando-o como forma de politização dos jovens. Para que isso aconteça é necessária uma quádrupla conscientização, que vai da consciência ao direito (liberdade de expressar opiniões), a consciência do dever (a comunicação para o bem público), a consciência do limite (o outro, as situações de poder com as quais interfere, as susceptibilidade e interesses que podem ferir), a consciência participativa/voluntarista que seria (a formulação de estratégias para alterar as situações julgadas insatisfatória, procurando a formação de novos consensos). (COSTA, 2000, p.100).

Para Costa (2000, é necessária a formação de um ambiente propício baseado em ações cidadãs, que estimulem o jovem a participação diária, pois ser ativo socialmente não é uma característica que nasce conosco, mas sim uma construção. O autor acredita que o protagonismo juvenil é um fator preponderante para a participação cidadã, ele expõe diferentes ganhos ao qual o jovem que desenvolve um papel central em sua comunidade, escola, passa a ter. O primeiro deles refere-se ao desenvolvimento pessoal e ao,

senso de identidade, da autoestima, do autoconceito, da autoconfiança, da visão do futuro, do nível de aspiração vital, do projeto e do sentido

da vida, da autodeterminação, da autorealização e da busca de plenitude humana por parte dos jovens. (COSTA, 2000, p, 21).

Para além dos ganhos como cidadãos, os jovens envolvidos com trabalhos comunitários e a frente de movimentos juvenis aprendem a desenvolver com suas práticas e vivências, habilidades como autogestão, co-gestão entendendo sua oportunidades, e limitações. Costa (2000) crê que a juventude que se engaja em trabalhos comunitários, passa saber, “gerir a si mesmo”, ou seja, são capazes de “coordenar o trabalho de outras pessoas, atuar sobre a atuação de outros, e a agir conjuntamente com outros adolescentes e adultos na consecução de objetivos comuns.” (COSTA, 2000, p.21).

1.3 Histórico de atuação do Desabafo Social

O Desabafo Social iniciou seus trabalhos em 2011. A rede é formada por jovens de diferentes Estados que se reúnem para debater e criar ações estruturadas, tendo como objetivo fortalecer a participação cidadã de adolescentes e jovens na promoção do direito humano à comunicação; aproximar e promover um intercâmbio de conhecimentos entre adolescentes e jovens acerca dos direitos humanos infanto-juvenis, comunicação e cidadania; garantir espaços amplos de debates independentes sobre o direito humano a participação juvenil na proteção da infância e da adolescência; promover a atuação mais qualificada de adolescentes e jovens nos debates e espaços os quais estão inseridos.

A proposta do projeto seguia diferente linhas de atuação, sempre coordenadas pelos adolescentes membros, que iam desde mobilização online e presencial; sensibilização por meio de rodas de conversas, oficina e seminários; produção de conteúdo para redes sociais e revista, até participação em fóruns, comitês e coletivos juvenis.

As atividades do grupo tiveram início quando a estudante Monique Evelle, residente do bairro do Nordeste de Amaralina e estudante de ensino médio em uma escola da periferia de Salvador, criou uma chapa no grêmio estudantil, a qual deu o nome de “Desabafo Social.” A iniciativa se consolidou e foi eleita a representação estudantil do colégio Estadual Thales de Azevedo no ano de

2011. Com o fim do colegial, a estudante deu continuidade ao projeto dando pra ele outros objetivos.

O primeiro dos objetivos referia-se a debater e criar ações estruturadas sobre direitos humanos ligados a juventude, para isso, foi criado um blog onde eram postados textos com cunho informativo e optativo. O blog passou a ser um ambiente para discussão e articulação entre jovens de diferentes localidades. Para participar, o adolescente que deseja escrever necessitava entrar em contato com algum membro do Desabafo Social, que disponibiliza um login e senha, permitindo ao novo membro atualizar a ferramenta com textos de autoria, sobre temas referentes a questões sociais, econômicas e políticas.

Além disso, o jovem contava com suporte para sempre que necessário e possível, realizar em suas comunidades encontros com outros adolescentes de sua região para troca de ideias, esclarecer dúvidas e divulgar posicionamento sobre dado tema. É importante salientar que os membros dos grupos eram envolvidos com instituições públicas e organizações, como por exemplo: Conselho Consultivo de Adolescentes e Jovens da ABMP, Rede Nacional de Adolescentes e Jovens Comunicadores (RENAJOC), no Comitê Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual de Crianças e Adolescentes, no Fórum Estadual dos Direitos Humanos da Criança e do Adolescente de São Paulo (FEDDCA/SP) e Safernet Brasil, além dos grêmios estudantis, diretório acadêmico nas universidades e associações comunitárias.

Dentre as principais ações do grupo, algumas podem ser consideradas mais importantes, exemplo disso é o projeto Desabafo nas redes, que era a utilização das redes sociais para a interação do grupo entre si e com seus públicos de interesse. O Facebook é o destaque neste quesito, nele constam mais de 40 mil curtidas e as publicações são feitas diariamente. Os posts seguem a linha dos textos publicados no blog. Abordagens sobre exploração sexual, direitos das crianças e dos adolescentes, racismo e cotas são frequentes, assim como temas que os membros acham necessários e convenientes para o seu público. Além disso, a ferramenta é utilizada para divulgação de encontros e debates. Outro instrumento utilizado é o Instragam, a ferramenta para divulgação de fotos, disponibiliza na Web o dia-a-dia do grupo em imagens.

O bate-papo online foi por muitos anos utilizado pelo projeto. Nesta iniciativa era marcada uma data para que os jovens membros e convidados possam discutir alguma questão que estava em voga no momento. Exploração sexual, gastos públicos, educação e cotas para negros foram alguns dos temas discutidos neste espaço.

Tendo conhecimento sobre leis, normas e direitos das crianças e adolescentes, além de temas que envolvem a juventude, os membros do Desabafo são frequentemente convidados a participarem de mesas, conferências e palestras, na maioria das vezes para socializar sobre suas experiências enquanto rede de protagonistas juvenis. Essa ação é realizada de acordo com a demanda e convites.

Por fim, as oficinas, rodas de conversa e o Desabafo nas Ruas consistem em encontros com crianças, adolescentes e jovens, para debater as questões sociais do país, em especial os direitos e leis que deveriam assegurar e protegê-las, mas que pouco se conhece. Os encontros são realizados em centro culturais, escolas, espaço cedido por centros comunitários ou igrejas.

1.4 Análise das ações da Rede Desabafo Social

A amostra selecionada para aprofundar a compreensão do Desabafo Social foi baseada em depoimentos de jovens que eram frequentemente citados nas ações promovidas e percebida a liderança de certos atores, foram listados seis jovens com características de liderança mais acentuadas, realizando-se as entrevistas por vídeo, utilizando a ferramenta Skype.

O grupo selecionado compreende cinco rapazes e uma moça, sendo quatro negros, e dois brancos, todos moradores de bairros periféricos (Nordeste de Amaralina – Salvador, Ribeira- Salvador, Jardim Ângela – São Paulo, Bom Jardim – Fortaleza, Maceió, Saboya - São Paulo, Ribeira - Salvador), com renda familiar entre um e três salários mínimos.

As questões elaboradas versaram sobre temas relacionados ao envolvimento dos membros do Desabafo Social com as questões sociais, tais como: Educação; participação cidadã, juventude, mobilização social, engajamento e redes sociais.

A primeira pergunta buscou identificar como se deu o processo de formação da rede e como os membros entrevistados passaram a fazer parte do grupo. Três depoimentos demonstram que o conhecimento sobre as ações desenvolvidas, se deu por meio do envolvimento na Associação Brasileira de Magistrados, Promotores de Justiça e Defensores Públicos – ABMP. Já em outros dois casos, os depoimentos prestados, mostram que os jovens se encontraram por força do acaso, tendo a internet como mediadora.

É importante perceber o valor da internet nas relações e difusão dos ideais do grupo, em algumas situações essas foram imprescindíveis para aproximação e conhecimento da temática e ações.

A internet também foi a forma encontrada para atender as necessidades de reuniões, esclarecer dúvidas e elaborar programações. Em um cenário formado por jovens de diferentes Estados, as redes sociais virtuais suprem o vácuo de encontros presenciais e faz um papel de interlocutor pra que de fato seja feita um planejamento com opiniões da maioria dos jovens que compõe a rede.

Ademais, percebe-se na fala dos integrantes que existe uma clara atenção sobre o uso da internet, o que leva a acreditar que muito dos jovens que se dispõem a participar estão aparentemente cientes que sua participação deve ser dentro e fora do ciberespaço.

Mais que cientes, as atividades provam que este pensamento é uma realidade vivida por parte significativa dos jovens do Desabafo, e que esses são atuantes dentro de suas comunidades. Um dos exemplos de trabalho desenvolvido são as rodas de conversa.

Uma característica importante e marcante dos membros da rede é que eles buscam em suas ações melhorar sua própria condição juvenil, mas vão além, ao pensarem e ajudarem na construção de sociedades mais igualitárias, atuando em prol de condições melhores para os jovens de diferentes comunidades e contextos.

Além disso, o grupo é atuante em movimentos sociais, fóruns e associações, contribuindo no debate e formulações de leis e diretrizes, como é o caso da parceria com a Associação Brasileira de Magistrados, Promotores de Justiça e

Defensores Públicos da Infância e da Juventude (ABMP) e o Fórum Estadual de São Paulo.

Eles também colaboram ativamente para a reflexão sobre direitos raciais e racismo, sejam participando de seminários, congressos e palestras, ou na utilização de redes sociais online, difundindo informações sobre a temática e mobilizando os jovens para enfrentarem tais problemáticas.

Mas o que leva esses jovens a fazerem parte de uma Rede com essas características? Questionado sobre participação, as respostas dos entrevistados exemplificam as bases complementares que pensa a participação proposta por Bordenave. São elas a base afetiva “– participamos porque sentimos prazer em fazer coisas com outro”. E a base instrumental “– participamos porque fazer coisas com outros é mais eficaz e eficiente que fazê-las sozinhos.” (BORDENAVE, 1995, p.14).

As motivações que levaram os jovens a participação são diversas, dentre elas: sentido de pertencimento e melhoras para a comunidade, indignação com as mazelas sociais, desejo por mudanças sociais, vontade de aprender sobre as atividades que o Desabafo Social desenvolve, ou melhora de sua própria condição juvenil. O trecho da entrevista abaixo é um claro exemplo da participação instrumental, sem perder a perspectiva cidadã no dizer de Teixeira (2001), pois o jovem percebe que suas ações são mais bem aproveitadas caso tenha mais pessoas envolvidas com a causa.

Quando passamos a compreender as legislações vigentes e a conhecer o sistema político, a melhor forma de garantir direitos é você levar ao conhecimento popular. Estou em luta pela efetivação dos direitos. Direitos de todos. Sei que não estou sozinha nessa. Com certeza existem milhares de adolescentes e jovens censurados, espalhados, invisíveis que fazem ações pequenas com grandes impactos. A militância é um modo de viver, não é modinha. (Monique Evelle, Salvador)

Considerações finais

Este trabalho constituiu um estudo para compreender as formas e os processos através dos quais a juventude que compõe a Rede Desabafo Social participa

da vida pública, buscando descobrir possibilidades e motivações para efetiva participação cidadã.

Consideramos as diversas perspectivas e olhares sobre a juventude, isso foi necessário para chegarmos a algumas conclusões sobre os jovens em nosso país, mas, sobretudo, sobre os jovens membros da Rede Desabafo Social. Percebemos, ao decorrer da pesquisa, que a juventude ainda é vista sob olhares preconceituosos e por diversos estereótipos. É preciso não os pensar como problema social, mas como parte numa dinâmica de caminhos em busca de soluções para constituição de uma sociedade e de condições de vida justas e solidárias.

Observou-se que grupos como Desabafo Social demonstram uma nova forma de participação, diferente daquelas vividas nos anos 70/80. Os depoimentos e observações nos deram subsídio para dizer que as motivações para a participação possui diferentes concepções, podendo estar ligado a vários aspectos, desde a oportunidade de ter voz, e se posicionar em espaços coletivos, aos aprendizados e vontade de fazer visto, até desejos individuais por mudanças de vidas e realidade.

A participação nessa realidade gera efeitos práticos (como o maior controle, a liberdade, os recursos ou as capacidades); simbólicos (como o reconhecimento por outros, a expressão de valores, o aumento do conhecimento); e também efeitos afetivos (como a solidariedade, a confiança, a autoestima), conforme esclarecido por Butler. Nota-se, ainda, que ela se manifesta em formas diferentes, dependendo do contexto de vida ao qual o jovem está inserido.

Além disso, esses protagonistas juvenis passam a transformar suas realidades com ações concretas nos espaços, tornando-se produtores de informações capazes de colaborar para a formação de capital social, rebatendo discursos prontos e hegemônicos, que dispõem sobre a condição juvenil. Através das ferramentas propiciadas pela rede, eles conseguiram ampliar o alcance dos seus posicionamentos e de suas ideias. Assim, ocasionando na mobilização de outros jovens.

As novas tecnologias da informação têm grande relevância, no contexto estudado, uma vez que socializam com maior rapidez diferentes conteúdos, o que garante que todos os participantes se sintam autônomos para contribuir no

desenvolvimento dos seus diversos espaços: pessoais/coletivos, nos contextos sociais, culturais e políticos. Além disso, as conexões por rede colaboraram para aproximar jovens de diferentes Estados e realidades. Porém, não se pode perder de vista que a internet é apenas um instrumento que potencializa ações em movimentos que estão se dando também e, especialmente estruturados off-line, ou seja, a tecnologia não é a protagonista no processo.

O exemplo de participação cidadã vivida e desenvolvida pelo Desabafo demonstra que os jovens membros estão atentos ao seu papel enquanto cidadãos, sendo suas ações essenciais para que a democracia se faça presente na vida das pessoas e das comunidades dos quais eles têm contato.

No entanto, ao analisar profundamente os aspectos sociais que os cercam, nota-se que as oportunidades não são um bem comum acessível a todos, mas sim um lugar em que poucos conseguem chegar, pois as oportunidades são restritas, o que demonstra uma face cruel das políticas públicas juvenis, que não conseguem atingir o todo, mas uma parte reduzida dos jovens brasileiros.

As trajetórias de vida dos entrevistados, bem como o contato com os outros jovens pesquisados, levam a constatar que as vivências em grupo constituem um espaço e um tempo nos quais esses jovens podem afirmar a experiência da condição juvenil. Estes mostram, ainda, que viver a juventude não é preparar-se para o futuro, para um possível “vir-a-ser”. O tempo da juventude, para eles, localiza-se no fazer político agora, sabendo que as contribuições de hoje podem reverberar no futuro deles e das pessoas envolvidas com suas contribuições e ações enquanto cidadãos engajados.

Sabemos que as discussões apresentadas ao longo deste trabalho não pretenderam, nem poderia esgotar a riqueza de possibilidades, assim como seus limites, do permanente processo de criação da juventude no contexto da sociedade, todavia, acreditamos que contribuímos no sentido de termos compreendido os processos que constituem as redes juvenis e da sua importância, com o exemplo de atuação da Rede Desabafo Social.

Referências

BUTLER, Udi Mandel; PRINCESWAL, Marcelo; ABREU, Roberta. Relatório de pesquisa do projeto Culturas de Participação: Jovens e suas Práticas de Cidadania, disponível em www.ciespi.org.br. Coordenação: Udi Mandel Butler/ CIESPI, 2007

_____. O adolescente como protagonista. In: BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Saúde. Área de Saúde do Adolescente. Cadernos, juventude saúde e desenvolvimento. v.1. Brasília, 1999.

COSTA, A. C. G. Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

COSTA, Sílvia; COSTA Denise, BEZERRA, Marcelo. Avaliação de Políticas Públicas para juventude: uma análise da percepção dos beneficiários de um projeto de formação de jovens aprendizes. Gestão Contemporânea, Vila Velha, v.4, n.1, p.01-20. Abr.,2014. Disponível em: <<http://revistas.es.estacio.br/index.php/gestaocontemporanea/article/viewFile/2>>Data. Acesso em: 02 de nov. 2014

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: _____ (Coord.). Múltiplos olhares sobre a educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1996. _____. Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro. Lisboa: Âmbar. 2003

_____. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação. São Paulo: ANPED, n. 24, 2003.

_____, Juarez e REIS, Juliana Batista. Juventude e Escola: Reflexões sobre o Ensino da Sociologia no ensino médio. Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. Recife, 2007

EVELLE, Monique. De la senzala à la favela [20 de junho, 2014]. França. Jornal Le Monde . Entrevista concedida a Nicolas Bourcier.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 21 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

SOUZA, Regina. O Discurso do Protagonismo Juvenil. Paullus, São Paulo. 2008

SOUZA, Vilma de. Juventude, solidariedade e voluntariado. Salvador: Fundação Odebrecht; Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego e Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003.

TEIXEIRA, Elenaldo. O local e o global: limites e desafios da participação cidadã. SP. Cortez, 2001.